OLHARES E PERSPECTIVAS DE UMA PRÁTICA "INOVADORA" NA REDE MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO: PROJETO LIBRAS NA ESCOLA

Cíntia Schierenbeck da Rosa[1]

Resumo
O Projeto "Libras na Escola", é um Projeto Piloto da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo, por intermédio da Assessoria de Inclusão e Psicossocial. Ele teve início no primeiro semestre de 2019 em algumas escolas que possuem alunos surdos matriculados na Rede Municipal de Ensino e que utilizam a Língua Brasileira de Sinais como língua materna. O aprendizado da LIBRAS ocorre dentro das salas de aula, envolvendo os alunos surdos, os colegas e professores em diversas turmas da escola. A proposta desse Projeto, é possibilitar a construção de um espaço bilíngue de educação e socialização para os alunos surdos incluídos nas escolas da RME. A metodologia utilizada é a da pesquisa-ação, de impulso democrático e participativo ela possibilita ao professor/pesquisador, engendrar uma (trans)formação social a partir das intervenções pedagógicas, seguindo os preceitos de ação e reflexão contínuas. O presente artigo destaca as experiências sucedidas em duas escolas que apresentam distintas realidades. As análises seguem a linha teórica dos Estudos Surdos que se aproximam aos Estudos Culturais em Educação, em uma perspectiva pós-estruturalista. O Projeto vem obtendo uma repercussão positiva nos ambientes escolares, visto que já foi possível observar que professores e funcionários estão tornando-se sujeitos ativos no processo de aprendizagem da Língua de Sinais. Os alunos surdos sentem-se valorizados por protagonizar o ensino e a propagação da Libras para seus colegas ouvintes e os familiares demonstram satisfação pela melhoria do desempenho escolar e qualidade de vida social de seus filhos surdos. Por um lado parece que é tão simples tornar a escola regular inclusiva. Mas olhando mais de perto, é possível observar a complexidade desse processo.

Palavras-chaves: Surdos; Inclusão; Língua de Sinais;

INTRODUÇÃO

A temática da inclusão vem sendo intensamente discutida no campo político, nas universidades, nos espaços de interação social e nas escolas, principalmente após a Conferência Mundial de Educação Especial, ocorrida em Salamanca, na Espanha, em junho de 1994.

Nessa Conferência, as autoridades proclamaram que as escolas regulares

1 Graduação em Pedagogia (2003) e Pós-graduação em Educação Especial e os desafios da escola inclusiva(2006)–Unisinos/S.L.; Técnico Preparatório para Intérprete de Libras (2006)–Unilasalle/Canoas; Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado (2015/Capacitar/N.H.); Professora de Sala de Recursos Multifuncional e do Projeto de Libras da Rede Municipal de Ensino. E-mail: cintiaschierenbeck@novohamburgo.rs.gov.br. Lotação: EMEF Machado de Assis.

orientadas para uma educação inclusiva constituiriam o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade “inclusiva” e alcançando uma educação para todos.

Esse momento passa a ser um Marco Referencial, para gradativamente as escolas implementarem um sistema educacional inclusivo. Inicia-se assim, um intenso processo de discussões para a criação de leis que garantissem que as decisões tomadas em Salamanca fossem respeitadas.

Nesse ponto, inicia o grande incômodo que perpassou todo meu percurso de vida e acadêmico: a necessidade de criar leis para que alguém tenha direito a ter sua humanidade respeitada. Ou seja, se uma pessoa tem uma deficiência ela precisa de uma lei para ser considerada humana? Quem tem direito de apontar quem deve estar dentro e quem deve estar fora do sistema educacional?

Em que momento da história se definiu que pessoas com deficiência não teriam os mesmos direitos que os não deficientes? Quando ocorreu o início do barramento e do borramento do outro?

Mas hoje, não me interessa levar adiante essas discussões, pois já há uma vasta bibliografia que discute incessantemente os processos históricos da in/exclusão e das relações de poder que a operam. São muitas as prerrogativas e angústias que acompanham a trajetória humana, a minha e a sua.

São inúmeros os temas que podem ser debatidos frente a temática da inclusão, mas hoje, 25 anos após a Conferência de Salamanca, vou simplesmente relatar uma prática pedagógica que vem sendo realizada em algumas escolas da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, por meio do Projeto “Libras na Escola”.

O Projeto é uma realização da Secretaria Municipal de Educação, por intermédio da Assessoria de Inclusão e Psicossocial. Ancorados nas políticas públicas de acessibilidade e inclusão, ele objetiva possibilitar a construção de um espaço bilíngue de educação e socialização para os alunos surdos da Rede Municipal de Novo Hamburgo que utilizam a Libras como língua materna.

O Projeto teve início em abril de 2019, mas já produziu alguns impactos na vida das crianças, nos professores, familiares, funcionários e demais pessoas envolvidas na comunidade escolar.

Não é uma proposta “milagrosa” que intenciona destacar uma aparente “novidade metodológica”. Ela está sendo pensada como uma reorganização e reconstrução pedagógica nos espaços escolares, uma abertura ao inusitado para tornar positiva a inclusão dos alunos surdos na escola regular.

A metodologia empreendida nesta proposta tem seu respaldo na pesquisa-ação. É

a forma mais interessante de aguçar nossos olhares enquanto professores/pesquisadores. Discutir nossas práticas, nossos experimentos pedagógicos, nossas intenções, abrindo espaço para o pensar.

Jorge Larrosa (2002, p. 24) explora o que Deleuze (1991) fala sobre o pensamento, sobre os experimentos e o quanto eles se transformam em experiência, em um *devir* quando há "a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque", o que é algo muito difícil nos tempos que correm, pois se faz necessário

> […] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Tomada por uma espécie de alquimia nas relações e particularidades que envolvem essa experiência, "ao abrir os olhos e os ouvidos", falar sobre o que "me acontece", e atravessada por todas as minhas identidades como mulher/mãe/cidadã/professora/pesquisadora/tradutora/intérprete de Libras, ancoro o Projeto em uma perspectiva político/cultural, no qual é possível debater sobre as comunidades e a vida das pessoas conectando-as com outras áreas do conhecimento.

Nesse caso, o campo de estudos que respalda este trabalho, são os Estudos Culturais em Educação, em uma perspectiva pós-estruturalista e chegando mais próxima ainda, aos Estudos Surdos em Educação. Conforme Skliar (2016, p.5)

> os estudos surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político […].

Concordo, portanto com Wrigley (1996, apud SKLIAR, 2016, p. 10), quando ele afirma que a "surdez é uma questão de epistemologia e não de audiologia".

E é com esse olhar, que convido o leitor a explorar esse texto. Não o tomem como uma receita, apenas como uma possibilidade de ajustar as lentes de nossas práticas para o que sempre esteve aí, mas em muitos momentos não é visível.

A CONSTITUIÇÃO DO OLHAR DA PROFESSORA/PESQUISADORA

Enfrentar novos desafios é o que move minha vida pessoal e profissional. O Projeto

“Libras na Escola” que é objeto de análise neste momento, é o que vem alimentando minha incessante busca de fazer um algo a mais no campo da educação. Atualmente meu foco de estudo está ligado à educação de surdos e o reconhecimento da Libras como forma de humanização nos processos de inclusão.

Penso ser importante falar brevemente de minha trajetória junto às comunidades surdas, pois auxilia o interlocutor a compreender a posição que ocupo frente a este Projeto.

No ano 2000, imbuída de realizar observações em sala de aula para uma disciplina da graduação, deparei-me com jovens surdos incluídos em uma escola regular, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em uma escola localizada na região metropolitana de Porto Alegre.

Eu nunca havia pensado sobre esse assunto, mas impactada pelas situações de in/exclusão observadas desde esse primeiro contato, passei deliberadamente a estudar sobre a cultura surda e a participar de cursos para o aprendizado da Língua de Sinais.

Foram seis anos mergulhados em espaços acadêmicos e de socialização das comunidades surdas. No trabalho de conclusão da graduação em Pedagogia discuti os “Processos de in/exclusão de surdos na escola regular” e no Pós-Graduação em Educação Especial, realizei uma prática com familiares de crianças surdas, no qual emergiu a monografia intitulada “A família (des)construindo representações sobre si e seus filhos surdos”.

Entre a Graduação e o Pós-graduação, fiz um curso de intérprete de Libras e no final desse, fui contratada como tradutora/intérprete em uma universidade.

Mas apesar de ter feito amizades para uma vida toda, de ter frequentado seus espaços e campos de luta, de buscar a valorização e o respeito às diferenças, não tenho a audácia de falar pelos surdos, pois carrego todas as representações ouvintistas e de uma suposta “normalidade” instituída na sociedade moderna.

Ao apresentar minha posição nesta proposta, travestida com uma hipotética neutralidade de minha identidade “normal” (observando apenas pelas bordas) passo a tecer um diálogo com os autores que contribuem para a reflexão das análises dessas “inovadoras práticas pedagógicas”.

TEORIZAR A PRÁTICA OU PRATICAR A TEORIA

A sociedade em sua grande maioria possui representações arraigadas em relação às pessoas que apresentam algum tipo de privação sensorial, síndromes, deficiências... pois,

o que prevalece no olhar do senso comum é sempre a falta de algo.

Quando uma criança recebe o diagnóstico que possui deficiência auditiva ou surdez, a família passa a planejar alguma forma de curar e reabilitar seus filhos, por meio de implantes cocleares, aparelhos auditivos, sessões de fonoaudiologia, entre outros.

O desejo é que o filho “deficiente auditivo” pareça o mais próximo possível da norma social. Por isso, a busca por dispositivos tecnológicos e biônicos que viabilizem o reparo do “corpo danificado”, como diz Perlin (2001, p.53).

E é no interstício entre os corredores de hospital e clínicas de fonoaudiologia que a criança com deficiência auditiva ingressa na escola, seja em escolas de surdos ou escolas regulares, sem uma forma de comunicação e uma identidade definida.

Não há uma receita que afirme qual seria a melhor escolha a ser tomada pela família: o da correção e reabilitação ou um posicionamento político, da criança estudar em escolas especiais para surdos, aprender a língua de sinais e conviver com seus pares.

Não há o certo e o errado. São simplesmente posicionamentos que se contrapõe. Não há de se negar que muitas crianças são beneficiadas com uso das tecnologias, mas é altamente complicado esse processo, pois não basta investir nos dispositivos tecnológicos, a criança necessitará aprender a decodificar os sons e estruturar seu pensamento que até então, havia sido construído pela visão.

Martins (2009, p.4), retoma algumas ideias de Vigotsky (1925) em que ele menciona que os métodos orais são contrários a natureza dos surdos no que se refere à linguagem. O autor esclarece:

> O aluno não aprende a linguagem oral, mas somente a pronúncia das palavras; o desenvolvimento linguístico é inferior ao desenvolvimento geral; leva a criança a criar a própria linguagem – a mímica; a língua oral nada acrescenta aos surdos como instrumento de acumulação da experiência cultural e participação na vida social; inconsistente psicológica e pedagogicamente quando tenta formar palavras a partir dos sons e frases a partir das palavras.

Ou seja, especialistas da medicina tem a tendência de ver os surdos ou deficientes auditivos como um problema a ser corrigido, que os implantes cocleares possibilitariam a reabilitação da audição e que tudo se resolveria com esse dispositivo. Mas Vigotsky aponta que se o surdo não tem um significante para aquela palavra, ela se torna solta, vazia.

Entretanto, as discussões empreendidas neste texto, a partir dos Estudos Surdos, buscam inverter a lógica da surdez como um problema para afirmar que o problema não são os surdos ou a surdez, mas sim os discursos que circulam sobre eles é que criam um

problema.

Com esse enfoque, os surdos passam a ser representados a partir do olhar sobre as *diferenças*, com reconhecimento político e não como uma deficiência a ser corrigida.

Skliar (2016, p.6) conceitua os Estudos Surdos com uma

> significação política, construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante.

Nessa perspectiva, os surdos são focalizados como um grupo cultural distinto, Skliar (ibidem) propõe ainda, que se pense nos surdos em sua alteridade, como uma identidade étnica diferente, representados por diversos modos de vida, de práticas materiais, de processos linguísticos que estão centralmente envolvidos na produção de sentidos, de uma forma de compreender o mundo e torná-lo inteligível.

Com esse entendimento, ajusto as lentes a algumas ideias pós-estruturalistas, "que caracteriza-se por não ser – e não querer ser – um campo homogêneo e disciplinar" (VEIGA-NETO, 2000, p.39).

JOHNSON (1999, p.10) confirma que "algumas das suas principais características são a abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica". O autor descreve também, que os Estudos Culturais

> propõe uma prática que faça a diferença para as circunstâncias particulares onde ela se desenvolve, como também para os/as intelectuais que a praticam, buscando a inter-relação da teoria com a cultura material; uma prática em que a política da análise e a política do trabalho intelectual são inseparáveis.

Apoiada por essas concepções, articulo a prática e a pesquisa. É uma relação que envolve uma prática cultural, contingente a um determinado tempo e espaço e que se propõe a fazer não apenas uma intervenção, mas algo relacionado com a política, com a crítica, com o objeto a ser estudado.

Ao assumir essa posição, faz-se necessário refletir sobre os efeitos sociais que podem implicar em "tocar" (Larrosa) a subjetividade de todos envolvidos, afinal, não existem práticas e nem discursos neutros, ou sem relações de poder.

Para instituir outros saberes e outras práticas, outras verdades serão constituídas, não há separação entre verdade e poder.

Conforme nos fala Foucault (1998, p.12), "A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder".

Destituir alguns discursos, algumas “verdades” naturalizadas que representam os surdos a partir do olhar da deficiência, de uma falha biológica, é uma das propostas do Projeto de Libras.

Para atingir ao menos minimamente essa proposta, é imperativo provocar reflexões e discussões acerca da invenção e da contingência de nossas histórias, do tempo e espaço que criam discursos e que classificam o que ou quem é *normal* ou *anormal* na sociedade moderna.

Quebrar pré-conceitos e discursos não é algo fácil. Encontro força nos processos de objetivação/subjetivação. Ou seja, assujeitar os indivíduos a partir de um controle que está ocorrendo do lado de fora (as práticas). “Entrelaçar dois adversários invisíveis e irredutíveis, entre as dobras do ser”. A dobra é o que se apresenta entre o lado de fora e o lado de dentro (DELEUZE, 1991).

Falar e informar como são os surdos, sua cultura e sua língua (de fora para dentro) para todos os envolvidos, não modifica concepções. É necessário sentir visceralmente, do interior para o exterior.

Para (trans)formar e incorporar outros pensamentos, é preciso que cada um se interiorize e perceba suas “próprias fragilidades”. É no exercício permanente de humildade e de destruição da soberania do eu, que é possível produzir outras e novas relações entre os ouvintes e os surdos.

O Projeto de Libras é certamente audacioso e não se dispõe a apenas envolver as pessoas que estão participando das Oficinas de Libras dentro do espaço escolar. A ambição é muito maior.

Ao tornar visível a Libras para um grupo de alunos e professores, a tendência é que ela vá para além dos muros da escola. Foucault (1998) me inspira quando ele diz que não necessitamos de “grandes revoluções”, apenas de pequenas “revoltas diárias”.

E são nas pequenas “brechas”, que temos a possibilidade de inovar em educação.

UM BREVE OLHAR, DENTRE MUITOS OLHARES SOBRE A INCLUSÃO

A inclusão de surdos nas escolas regulares é um assunto polêmico. Não falando apenas do ponto de vista das instituições escolares, mas principalmente das próprias comunidades surdas.

Aqueles que fizeram as leis, pela posição que ocupam dentro de parâmetros da “normalidade”, acreditam que essa possa ser possível, enquanto os surdos participantes dos movimentos surdos não acreditam nessa ação como forma de inclusão. Sobre esta

discussão apresento o entendimento de dois autores que se dedicam ao tema:

Cláudio Baptista (2001, p.32), afirma que a educação inclusiva poderia ser considerada “um sinônimo de escola de qualidade”, exigindo uma contínua transformação da escola e do educador.

Outro estudioso das questões da surdez, Skliar (2001, p.33), afirma que a inclusão seria uma “estratégia de controle dos excluídos; uma forma de disciplinar a alteridade dos outros”, fragmentando e desautorizando determinadas comunidades para que não possam debater e construir suas próprias pedagogias.

E olhando pelo viés econômico: ao incluir as pessoas com deficiência nas escolas regulares e no âmbito social, elas passam a fazer parte da lógica do mercado e tornar-se-iam consumidores ativos. Mas pensemos em tudo isso de forma positiva!

Hoje é possível encontrar pessoas com as mais diversas deficiências, diferenças, síndromes, jeitos de ser e estar na sociedade, em todos os espaços públicos, como nos mercados, nos cinemas, nos shoppings, nas escolas...

Antes eles não eram visíveis. Eles estavam escondidos, apagados, usurpados de sua condição humana. É necessário sim, a crítica aos sistemas, mas o mais importante é saber o que essa crítica produz.

Apure o olhar e observe os seguintes cenários:

Escola de Surdos: Alunos surdos em contato com seus pares, sua língua e sua cultura. Professores surdos ensinam a língua materna e professores ouvintes trabalham de forma bilíngue. A escola, em sua grande maioria, segue o modelo de classes multisseriadas devido ao baixo número de alunos matriculados (realidade observada em escolas do Vale do Rio dos Sinos/NH), estrutura física e pedagógica frágil.

Escola regular: sem intérpretes, apoios à inclusão, colegas e professores sem o domínio da Libras, professores resistentes, a criança não tem uma comunicação significativa com os sujeitos da comunidade escolar. Pouca estrutura física e pedagógica.

Escola regular “inclusiva”: presença de tradutor/intérprete de Libras, professor de projeto de Libras para a efetivação da interação e diálogo entre os alunos surdos e as demais pessoas que compõe a comunidade escolar, professor regente bilíngue, currículo adaptado às suas especificidades e condições linguísticas, oportunidade de participar de variados eventos e atividades extra-curriculares.

Convido o leitor a refletir sobre os apontamentos acima. Existem olhares que se convergem e outros que se divergem. Mas o importante neste momento, é fazer uma alusão, ao que seria mesmo uma escola inclusiva?

METODOLOGIA DO PROJETO

O Projeto de Libras, é um Projeto Piloto que está envolvendo duas professoras tradutoras/intérpretes da RME que possuem experiência na educação de surdos.

Esta apresentação, é o produto das minhas práticas e experiências que estão em curso em duas escolas com realidades sociais diferenciadas, que aqui serão nomeadas como escola “A” e escola “B”.

A metodologia utilizada no Projeto é o da pesquisa-ação, que “introduz nos processos de investigação – a convivência e a participação” (COSTA, 2002, p.95). São processos que se movem numa permanente espiral de ação-reflexão em vista a uma mudança social e comunitária.

O Diário de Campo é a ferramenta utilizada para registrar as práticas e sistematizar as impressões colhidas, de forma a manter a contínua análise do Projeto e dos dados susceptíveis de serem interpretados.

Objetivamente, o primeiro passo do Projeto é conhecer a escola, os alunos surdos e o contexto em que estão inseridos. De posse dessas informações, realiza-se uma reunião com a equipe pedagógica para que juntos, possamos construir um plano de ação.

É realizada uma entrevista com o responsável pela criança surda para apresentar o Projeto e conhecer o cenário familiar.

A turma que possui o/a aluno/a surdo/a recebe oficinas semanais de Libras e as demais seguem cronograma, em sua maioria, quinzenal.

A criança surda participa das oficinas ao meu lado, tornando-se protagonista no ensino da Libras para os colegas. Ao mesmo tempo, avalio constantemente o domínio que esse aluno possui frente à sua língua, o currículo e conhecimentos gerais sobre a vida e a sociedade.

A assessoria aos professores, quanto às peculiaridades e especificidades de cada criança, ocorre durante as oficinas ou em encontros na hora atividade. Os professores participam ativamente junto com os alunos no processo de aprendizagem da língua de sinais.

Funcionários da escola “A” (secretaria, coordenação do MOVE, limpeza e cozinha) participam das Oficinas semanalmente e da escola “B” seguem cronograma.

A partir do segundo semestre, a escola “A” passou a ser atendida em turno integral, possibilitando a realização de Oficinas no Move, no qual o aluno surdo também frequenta, e de um Projeto no contra turno escolar, que abrange alunos dos 4ºs aos 9ºs anos, apoios à inclusão e quando possível, participam professores que estão em sua hora atividade,.

O Projeto “Libras na Escola” beneficia semanalmente cerca de 150 pessoas, entre

professores, funcionários e alunos. Além das oficinas, sempre que a agenda permite, participo de planejamentos coletivos, reuniões com pais, conselhos participativos, eventos escolares e assessorias eventuais em outras escolas da Rede para deliberar alguma demanda específica.

A avaliação do Plano de Ação da escola é constante, flexível e está sempre em movimento, visando o máximo de aproveitamento do Projeto no ambiente escolar.

PÚBLICO ALVO E SUAS ESPECIFICIDADES

Escolas que possuam alunos surdos matriculados e que utilizam a Libras como primeira língua.

A escola “A” possui alunos ouvintes com pais surdos, uma aluna deficiente auditiva em que a família não aceita a utilização da língua de sinais e uma menina surda que conhece apenas sinais caseiros, mas as reflexões neste trabalho, serão das experiências vivenciadas com um menino surdo (que chamaremos de Kauã) e que frequenta o 4º ano.

Kauã é filho de pais ouvintes, tem surdez bilateral profunda, faz uso de aparelho auditivo unilateral, pois danificou o outro, estudou em escola de surdos dois anos, se comunica fluentemente em Libras de acordo com sua faixa etária e por dicas labiais. Está em processo de alfabetização da Língua Portuguesa. Frequenta o MOVE e a Sala de Recursos Multifuncional.

A menina surda, apesar de ser o caso mais grave, por não ter constituído uma comunicação eficaz, não é partícipe das análises, pois apresenta faltas excessivas no dia do Projeto, não sendo possível coletar dados necessários para as discussões.

Na escola “B”, no 5º ano, há um menino (que chamaremos de Léo) com surdez profunda, estudou em escola de surdos dois anos, possui implante coclear bilateral, filho de pais ouvintes, a mãe está direcionando sua formação para o curso de tradutora/intérprete. O aluno possui um razoável vocabulário em Libras, utiliza-se da leitura labial, identifica alguns sons, está alfabetizado em Língua Portuguesa dentro dos parâmetros da linguística dos surdos.

REPERCUSSÕES DE UMA EXPERIÊNCIA

> É na sutileza e na delicadeza de buscar entender o que é diferente que se encontra o mais perfeito entendimento do que é ser humano (ALMEIDA, 2002, p. 81).

O Projeto “Libras na Escola” vem apresentado resultados promissores apesar do curto período de tempo que vem ocorrendo nos espaços escolares.

A primeira ação ocorreu quando o Projeto ainda estava sendo gestado: traduzir/interpretar uma reunião para uma mãe surda, membro ativo da APEMEM em uma das escolas de Educação Infantil do município.

Nesse primeiro momento, a Diretora falou de sua emoção ao poder proporcionar uma reunião bilíngue para a mãe, não sendo necessário que ela acionasse a familiar que a acompanha, auxiliando-a como uma espécie de “estepe” para dar significado ao falado na escola. Demonstrou admiração pela iniciativa da Secretaria de Educação e enalteceu o Projeto.

Quanto às famílias, destaco alguns depoimentos: A mãe de Kauã, da escola “A”, durante o Conselho Participativo, falou que a escola está fazendo uma real diferença na vida e nas aprendizagens do seu filho. Ela consegue perceber a evolução do menino, o aumento do círculo de amizades e está satisfeita com o trabalho que a escola vem realizando.

Cabe aqui ressaltar, que o mérito pelo sucesso desse aluno, advém principalmente pelo fato dele contar com uma professora regente que possui formação como tradutora/intérprete de Libras, que além de adaptar as atividades para o aluno, já vinha trabalhando com o ensino da Libras para toda a turma.

A mãe de Léo, da escola “B”, é bastante presente na escola e reconhece a importância do Projeto. Durante a Feira de Iniciação Científica da escola, uma turma sinalizou o Hino da Escola em Libras, levando à mãe de Léo, às lágrimas.

Sugeri que lesse a biografia de Emanuelle Laborit (1996), em alguns dias ela retornou uma carta de agradecimento, dizendo que se comoveu muito com a história de Emanuelle, pois havia enxergado sua própria vida e de seu filho em muitas situações de exclusão escolar, social e familiar.

A maioria dos professores participam das oficinas e estão aprendendo Libras junto com a turma. Uma das professoras da escola “B” envolveu os alunos em uma pesquisa de Iniciação Científica para apresentar na Feira, sobre a “Importância da Comunicação”, inspirada pelo Projeto de Libras. É uma satisfação ter conhecimento que alguns movimentos já estão sendo realizados na escola.

Ao mesmo tempo em que o Projeto é bem vindo nas escolas por professores, alunos, equipes pedagógicas e funcionários, pois produz um conhecimento inusitado, que mexe muito com os limites e as possibilidades do próprio corpo, também causa incômodo a algumas pessoas, como uma espécie de desconfiança daquela “estranha” que invade

sua sala de aula e toma os alunos para si.

O mesmo ocorre entre os funcionários. Alguns demonstram gostar e ficam esperando pelo dia da aula, outros às vezes desculpam-se por não poder participar devido a seus afazeres. Outros funcionários e professores se interessam quando olham o grupo durante a oficina e começam a participar também.

Os colegas de Kauã e Léo mostram-se interessados, evidenciam prazer em aprender a Libras. Logo no início do Projeto, algumas turmas levavam mais como uma brincadeira, mas com o desenrolar das Oficinas, a postura deles foi se modificando gradativamente, demonstrando maior empatia, principalmente com o colega da escola "B", em que articulação da Libras ocorria apenas entre ele e a apoio à inclusão, que possui um conhecimento básico na língua de sinais.

As oficinas com os alunos são realizadas de forma despojada, como diz Skliar (2003, p.20), "uma estética não tão pulcra, uma ética mais desalinhada", conquistando os alunos com minhas "caras e bocas".

O ensino da Libras se dá por meio de traduções de músicas, dramatizações, tradução de frases, livros e outras técnicas. Ambas as escolas estão aprendendo a sinalizar o Hino da Cidade para apresentar nas Horas Cívicas.

As crianças demonstram alegria, se divertem, brincam e abraçam a causa de aprender a língua para poderem se comunicar com seus colegas. Além disso, trabalhar com o corpo e as expressões é algo prazeroso. Por vezes parece que a aula está uma algazarra, mas estão eufóricos, pois precisam passar por meio das expressões e da Libras o que aprenderam para as outras crianças traduzirem.

Kauã e Léo protagonizam o ensino da Libras para seus colegas e professores. Ficamos lado a lado e mesmo que eu conheça os sinais sempre confirmo com eles se estou fazendo correto. Utilizo essa estratégia para valorizar o conhecimento que eles possuem, ao mesmo tempo que avalio o quanto eles são fluentes na própria língua e em língua portuguesa.

Com essas ações, foi possível perceber que Léo necessita ampliar muito seu vocabulário em Libras. Ele sinaliza a partir das palavras em língua portuguesa e não com o hibridismo natural de sua língua. A inserção em uma cultura ouvinte, sem um professor surdo de referência ou um profissional intérprete que o auxilie a compreender aspectos mais complexos de sua língua, está prejudicando suas aprendizagens e a formação da própria identidade surda.

Kauã apresenta uma razoável apropriação de sua língua e é possível observar sua segurança e tranquilidade em ensinar a Libras para seus colegas de sala de aula e do Move, inclusive ele externaliza esse sentimento.

Ao reviver as cenas em que Kauã e Léo se tornam os protagonistas do conhecimento, nos momentos em que vejo seus olhos brilharem de satisfação, lembro o que escrevi na introdução deste artigo: “a necessidade de criar leis para que alguém tenha o direito de ter sua humanidade respeitada”, encontro com Almeida (2002, p.82) que descreve de forma filosófica que “é também uma conquista saber que na limitação é que eu desenvolvo tudo o que tenho de mais rico em mim mesmo. Neste percurso entre o que sou e o que eu quero ser é que está a humanidade”.

Professores estão se envolvendo, colegas ouvintes estão criando laços de amizade com seus colegas surdos, familiares estão surpresos e felizes com essa movimentação, funcionários estão explorando suas possibilidades e as crianças surdas sentem-se valorizadas, sentem-se humanas.

E assim, de forma simples e ao mesmo tempo complexa, se analisarmos todos os entraves vividos pelos alunos surdos incluídos na escola regular, finalizo (sem encerrar) provisoriamente as análises do Projeto e aguardo o *devir*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto “Libras na Escola” é apenas a ponta do iceberg, ele é meramente um esboço de todo um aparato necessário para compor uma educação inclusiva de qualidade para crianças, jovens e adultos surdos.

Mas sim, é possível construir um espaço bilíngue de educação e socialização para os alunos surdos da Rede Municipal de Novo Hamburgo, e para isso, movimentos já estão sendo realizados, os alunos surdos estão obtendo visibilidade, a propagação da língua de sinais está avançando, professores sentem-se estimulados às novas aprendizagens, bem como os colegas ouvintes e os próprios alunos surdos. Em meus devaneios, que se seguem durante as práticas e as conversas com os autores, penso como poderia ser uma escola “modelo” para os surdos:

Escola regular que disponha da presença de tradutores/intérpretes com formação acadêmica e vivências em ambientes linguísticos e culturais constantes junto às comunidades surdas; professores surdos (mesmo que itinerantes) para ensinar a Libras e acolher os alunos para a formação da identidade surda; professores regentes bilíngues (ou que estejam disponíveis a novos desafios); adaptação curricular que respeite as condições linguísticas do aluno surdo; professores de Sala de Recursos Multifuncional com conhecimento em Libras e Cultura Surda e obviamente o Projeto “Libras na Escola” para a difusão da Língua de Sinais para toda a comunidade escolar.

Contudo, para sair do campo da utopia e tornar esse “modelo” minimamente tangível, se faz necessário transpor algo muito maior: para democratizar o ensino, para que se inicie um processo de mudança real na área da educação, me inspiro em Larrosa (2002) e afirmo que todos os atores da escola, façam primeiro um profundo silêncio, escutem os outros, sintam os outros.

É imperioso estilhaçar o próprio ego, suspender as reivindicações *quero uma escola de qualidade*, suspender o grito *alguém faça alguma coisa!*

Olhe para si. Olhe de novo. Não busque lá fora o que reside dentro de você. Cultive sua própria humanidade e torne o processo de inclusão como algo a ser comemorado, pois tudo depende apenas de você e de mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando Jose de. Política Pública de inclusão de minorias e maiorias. *In*.: LODI, Ana Claudia B.; HARRISON, Kathryn M.P.; CAMPOS, Sandra R. L. de; TESKE, Ottmar (Orgs.). *Letramento e Minorias.* Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 81-86.

BAPTISTA, Claudio. Inclusão ou Exclusão? Em entrevista com Cláudio Baptista e Carlos Skliar. In: SCHIMIDT, Saraí. *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

BRASIL. Lei Federal nº. 4024/61. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf. Acesso em: 09 maio 2018.

BRASIL. Lei Federal. nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a *Língua Brasileira de Sinais***.** Brasília. D.F. 24 de abril de 2002.

DELEUZE, Gilles. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). *In*.: *Foucault.* Rio de Janeiro: Graal, 1991, p.101-130.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. *In*.: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Caminhos Investigativos II***.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p.93-107).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 27 ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 10ª edição. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.7-22.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? *In.*: SILVA T.T.(Org. e Trad.) *O que é, afinal, os Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.7-131.

LABORIT, Emmanuelle. *O vôo da gaivota.* São Paulo: Best Seller, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação.* Campinas, SP. 2002, p.20-28. N° 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

MARTINS, L.M.B. *Vigotsky: a inclusão e a educação bilíngue dos surdos.* Disponível em: www.uel.br › eventos › congressomultidisciplinar › pages › arquivos › anais - Acesso em setembro de 2019.

PERLIN, Gládis T.T. Identidas surdas. *In*.: SKLIAR, Carlos (Org.). *Um olhar sobre as diferenças*. 2ª edição. Porto Alegre: Mediação. 2001, p. 51-73.

SKLIAR, Carlos Bernardo; LARROSA, Jorge. *Pedagogia (Improvável) da Diferença - e se o outro não estivesse aí?* Tradução Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____ (Org.). Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. *In* SKLIAR, Carlos (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3ª ed. Porto Alegre. Mediação, 3ª ed., 2016, p. 5-6.

_____. Inclusão ou Exclusão? Em entrevista com Cláudio Baptista e Carlos Skliar. *In*: SCHIMIDT, Saraí. *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p.61-64.

VEIGA-NETO. Alfredo**.** Michel Foucault e os Estudos Culturais. *In*: COSTA, Marisa V. (Org**.**)**.** *Estudos Culturais em Educação. mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.* Porto Alegre-RS: UFRGS/FACED, 2000. p.37-69.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para Excluir. *In.:* LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.105-118.